

NÓS CREMOS
166-184
INTRODUÇÃO



Os símbolos da fé (o apostólico e o niceno-constantinopolitano) que rezamos na missa dominical começam sempre com “eu creio”. Essas palavras iniciais não estão aí por acaso. Elas exprimem de maneira profunda que o ato da fé é pessoal e, exatamente por isso, é um ato eclesial. Nos tempos atuais, marcados por individualismo e subjetivismo, uma boa compreensão do que está implicado nesse “eu creio” do Credo é cada vez mais importante e urgente para a formação do cristão e para a sua vida de fé. Os parágrafos que vamos estudar juntos nos ajudarão a compreender mais profundamente a relação que há entre o “eu” e o “nós” tanto da profissão quanto da vida de fé.

TEXTO 166-184

CAPÍTULO TERCEIRO

A RESPOSTA DO HOMEM A DEUS

ARTIGO 2: NÓS CREMOS



166. A fé é um ato pessoal, uma resposta livre do homem à proposta de Deus que Se revela. Mas não é um ato isolado. Ninguém pode acreditar sozinho, tal como ninguém pode viver só. Ninguém se deu a fé a si mesmo, como ninguém a si mesmo se deu a vida. O crente recebeu a fé de outros; deve transmiti-la a outros. O nosso amor a Jesus e aos homens impele-nos a falar aos outros da nossa fé. Cada crente é, assim, um elo na grande cadeia dos crentes. Não posso crer sem ser amparado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo também para amparar os outros na fé.

167. «Eu creio» (Símbolo dos Apóstolos): é a fé da Igreja, professada pessoalmente por todo crente, principalmente por ocasião do Batismo. «Nós cremos» (Símbolo niceno-constantinopolitano, no original grego: *pisteúomen*): é a fé da Igreja, confessada pelos bispos reunidos em Concílio ou, de modo mais geral, pela assembleia litúrgica dos crentes. «Eu creio»: é também a Igreja, nossa Mãe, que responde a Deus pela sua fé e nos ensina a dizer: «Eu creio», «Nós cremos».

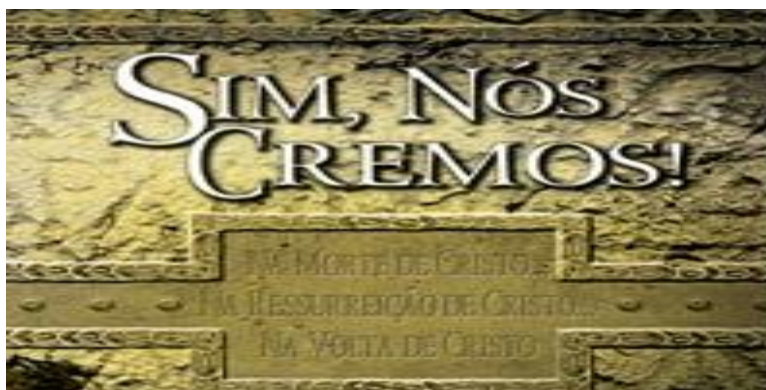


I. «Olhai, Senhor, para a fé da vossa Igreja»

168. É, antes de mais, a Igreja que crê, e que assim suporta, nutre e sustenta a minha fé. É primeiro a Igreja que, por toda a parte, confessa o Senhor («*Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia*» – «A Santa Igreja anuncia por toda a terra a glória do vosso nome» – como cantamos no «*Te Deum*»). Com ela e nela, também nós somos atraídos e levados a confessar: «Eu creio», «Nós cremos». É da Igreja que recebemos a fé e a vida nova em Cristo, pelo Batismo. No *Ritual Romano*, o ministro do Batismo pergunta ao catecúmeno: «Que vens pedir à Igreja de Deus?» E ele responde: – «A fé». – «Para que te serve a fé?» – «Para alcançar a vida eterna» (*Ordo initiationis christianae adultorum*, 75).

169. A salvação vem só de Deus. Mas porque é através da Igreja que recebemos a vida da fé, a Igreja é nossa Mãe. «Cremos que a Igreja é como que a mãe do nosso novo nascimento, mas não cremos na Igreja como se ela fosse a autora da nossa salvação»

(Fausto de Riez, *De Spiritu Sancto*, 1,2: CSEL 21,104). É porque é nossa Mãe, é também a educadora da nossa fé.



II. A linguagem da fé

170. Não acreditamos em fórmulas, mas sim nas realidades que as fórmulas exprimem e que a fé nos permite «tocar». «O ato [de fé] do crente não se detém no enunciado, mas na realidade [enunciada]» (Sto. Tomás de Aquino, *S.Th.* II-II,1,2,ad 2). No entanto, é através das fórmulas da fé que nos aproximamos dessas realidades. As fórmulas permitem-nos exprimir e transmitir a fé, celebrá-la em comunidade, assimilá-la e dela viver cada vez mais.

171. A Igreja, que é «coluna e apoio da verdade» (1Tm 3,15), guarda fielmente a fé transmitida aos santos de uma vez por todas (cf. Jd 1,3). É ela que guarda a memória das palavras de Cristo. É ela que transmite, de geração em geração, a confissão de fé dos Apóstolos. Tal como uma mãe ensina os seus filhos a falar e, dessa forma, a compreender e a comunicar, a Igreja, nossa Mãe, ensina-nos a linguagem da fé, para nos introduzir na inteligência e na vida da fé.



uma só **FÉ.**

uma só verdade.

III. Uma só fé

172. Desde há séculos, através de tantas línguas, culturas, povos e nações, a Igreja não cessa de confessar a sua fé única, recebida de um só Senhor, transmitida por um só Batismo, enraizada na convicção de que todos os homens têm apenas um só Deus e Pai (cf. Ef 4,4-6). Santo Ireneu de Lião, testemunha desta fé, declara:

173. «A Igreja, embora dispersa por todo o mundo até aos confins da Terra, tendo recebido dos Apóstolos e dos seus discípulos a fé, [...] guarda [esta pregação e esta fé] com tanto cuidado como se habitasse numa só casa; nela crê de modo idêntico, como tendo um só coração e uma só alma; prega-a e ensina-a e transmite-a com voz unânime, como se tivesse uma só boca» (Sto. Irineu, *Adv. Haer.* 1,10,1-2: SC 264,154-158).

174. «Através do mundo, as línguas diferem: mas o conteúdo da Tradição é um só e o mesmo. Nem as Igrejas estabelecidas na Germânia têm outra fé ou outra tradição, nem as que se estabeleceram entre os Iberos ou entre os Celtas, as do Oriente, do Egito ou da Líbia, nem as que se fundaram no centro do mundo» (Sto. Irineu, *Adv. Haer.* 1,10,2: SC 264,158-160). «A mensagem da Igreja é verídica e sólida, porque nela aparece um só e o mesmo caminho de salvação, em todo o mundo» (Sto. Irineu, *Adv. Haer.* 5,20,1: SC 153,254-256).

175. Esta fé, «que recebemos da Igreja, guardamo-la nós cuidadosamente, porque sem cessar, sob a ação do Espírito de Deus, tal como um depósito de grande valor encerrado num vaso excelente, ela rejuvenesce e faz rejuvenescer o próprio vaso que a contém» (Sto. Irineu, *Adv. Haer.* 3,24,1: SC 211,472).

Resumindo:

176. *A fé é uma adesão pessoal, do homem todo, a Deus que Se revela. Comporta uma adesão da inteligência e da vontade à Revelação que Deus fez de Si mesmo, pelas suas ações e palavras.*

177. *«Crer» tem, pois, uma dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, pela confiança na pessoa que a atesta.*

178. *Não devermos crer em mais ninguém senão em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.*

179. *A fé é um dom sobrenatural de Deus. Para crer, o homem tem necessidade dos auxílios interiores do Espírito Santo.*

180. *«Crer» é um ato humano, consciente e livre, que está de acordo com a dignidade da pessoa humana.*

181. *«Crer» é um ato eclesial. A fé da Igreja precede, gera, suporta e nutre a nossa fé. A Igreja é a Mãe de todos os crentes. «Ninguém pode ter a Deus por Pai, se não tiver a Igreja por Mãe» (S. Cipriano, *De unitate*: PL 4,503A).*

182. *«Nós cremos em tudo quanto está contido na Palavra de Deus, escrita ou transmitida, e que a Igreja propõe à nossa fé como divinamente revelado» (SPF 20).*

183. *A fé é necessária para a salvação. O próprio Senhor o afirma: «Quem acreditar e for batizado salvar-se-á, mas quem não acreditar será condenado» (Mc 16, 16).*

184. *«A fé é um antegozo do conhecimento que nos tornará felizes na vida futura» (Sto. Tomás de Aquino, *Comp. Theol.* 1,2).*



REVISANDO TEMAS

1. Ato pessoal e eclesial

Na profissão de fé, recitado na missa dominical, a Igreja aparece como sujeito da fé. É claro que são sempre os fiéis que individualmente dizem: “eu creio” e “nós cremos”, mas eles só fazem essa confissão como ato pessoal (“eu creio”) porque se unem ao “nós cremos” da Igreja, que é o verdadeiro sujeito que confessa “eu creio”.

Não há oposição alguma entre o “eu creio” do fiel e o “nós cremos” da Igreja. Crer introduz na vida pessoal uma dinâmica que leva o indivíduo a se tornar Igreja, a se identificar cada vez mais com ela. Ao mesmo tempo crer faz com que o cristão individual torne a Igreja cada vez mais visível no mundo.

O “eu creio” do cristão não é dissolvido nem se perde anonimamente no “nós cremos” da Igreja, uma vez que com a sua fé, o indivíduo cristão contribui para fortalecer a fé dos outros e para tornar o testemunho da Igreja mais luminoso e transparente diante do mundo. Por outro lado, o “eu creio” só alcança a sua plenitude de sentido e de realização no “nós cremos”.

Assim concebida a fé não despersonaliza o indivíduo. Pelo contrário o torna consciente de uma dimensão que vai além da esfera individual e que permite a recepção da eclesialidade como dimensão constitutiva e essencial da própria fé.

Com efeito, a Igreja é sujeito do ato de crer porque a fé da Igreja é anterior à fé dos indivíduos e seu fundamento. Toda fé pessoal é, nesse sentido, participação na fé da Igreja e fé no seio da Igreja. Ninguém inventa a fé por conta própria. Ela só é possível como fé compartilhada com os outros. Em outras palavras, a fé dos indivíduos está alicerçada na comunidade de todos os que professam, vivem e celebram a mesma fé. A sua fé é fé da Igreja feita sua.

Esse enraizamento da fé dos indivíduos na fé da Igreja não se refere apenas aos contemporâneos, mas também aos antepassados. Fé significa comunhão com todos os que, ao longo dos séculos, tiveram a coragem, suscitada pela graça, de crer, de esperar, de amar e de servir dentro da comunidade de fé. A fé é comunhão com toda a Tradição viva da fé, que remonta, por sua vez, através das gerações dos fiéis, até a fé apostólica das origens e à pessoa histórica de Jesus.

A Igreja é sujeito do ato de crer porque a fé da Igreja é maior do que a fé dos indivíduos. Como indivíduos, estamos sempre sujeitos às coordenadas do espaço e do

tempo, ao contexto histórico em que vivemos e às vicissitudes da própria vida, breve como a flor que de manhã viceja e à tarde fenece e murcha. Assim a fé individual nunca poderá atualizar plenamente toda a fé da Igreja. Para que isso seja possível, é necessário que cada fiel, cada Igreja local, cada geração, se mantenha sempre aberto à amplidão da “comunhão dos santos”.

A fé, no cristão individual, pode permanecer “informe”: a ele falta algo. Mas na comunhão eclesial a fé tem sempre sua plenitude: ela une o povo com o Deus da Aliança mediante o vínculo eficaz e total da caridade. Dito de maneira mais pessoal: na assembleia dominical, quando digo “eu creio”, experimento que não creio somente com minha fé – sempre limitada e sujeita a hesitação e fraqueza –, mas recebo o consolo de crer com a fé de S. Paulo e S. Pedro, de Santo Agostinho e de Santo Tomás, do Beato João Paulo II, de D. Helder Câmara e de Madre Tereza de Calcutá. A genuína fé cristã sempre possui a inteireza sem unilateralismo da fé de todo Povo de Deus, a heroicidade sem compromisso dos mártires, a verdade sem desvios dos doutores, a confiança e a entrega dos prediletos de Deus e a amplidão da fé da Igreja toda, desde Abel até o último justo.

2. A Igreja como objeto de fé

A fé cristã é uma fé eclesial porque o sujeito que o realiza é primariamente a Igreja e também porque ela mesma é conteúdo de fé (“creio na Igreja”). Segundo a profissão de fé, a Igreja é um objeto de fé e só pode ser assim compreendida. Dizer que a Igreja é objeto de fé, porém, não deve colocá-la no mesmo plano de Deus Uno e Trino, que é o objeto e o fundamento verdadeiro e próprio da fé. O fiel não crê na Igreja da mesma maneira que crê em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

A tradição latina, a partir do séc. V, chegou até mesmo a expressar essa distinção na própria a profissão de fé e na sua explicação. Para constatar essa distinção é preciso recorrer ao texto latino da profissão de fé. Nela, o “creio **em** Deus Pai..., **em** Jesus Cristo..., **no** Espírito Santo” (*credo in Deum Patrem..., in Jesum Christum..., in Spiritum Sanctum*) se distingue clara e explicitamente do “eu creio **a** Igreja” (*credo Ecclesiam*). Essa diferença de palavras (a ausência da preposição *in* = *em*) parece pequena, mas é muito significativa para afirmar que a fé é essencialmente uma conversão ao Deus vivo, e que ela, enquanto resposta à interpelação divina, é a aceitação do convite de Deus de estreitar uma relação pessoal com Ele, uma autoentrega confiante a Ele e um reconhecer nEle o próprio fundamento.

Dizendo que “crê a Igreja”, o fiel declara que adere a ela unicamente na medida em que a reconhece como um dos efeitos da ação salvadora de Deus no mundo e, por isso, instrumento que Deus usa para convidar a humanidade a entrar na sua comunhão.

Rigorosamente falando, o cristão crê **a** Igreja, mas não faz dela objeto de fé, uma vez que somente Deus pode ser digno de nossa confiança absoluta e incondicional. Quem recita a profissão de fé, portanto, crê que a Igreja faz parte dos dons salvíficos do Deus vivo e da esperança escatológica do cristão, mas funda a própria existência somente sobre a rocha da fidelidade do Deus Trino.

Levando a sério o terceiro artigo do Símbolo, o cristão evita, de um lado, qualquer idolatria da Igreja e, de outro, confessa que a grandeza e a beleza da Igreja consistem exatamente no fato de ser criatura e obra do Espírito Santo, comunhão com Jesus Cristo, uma vez que este Espírito é o Espírito de Jesus, o Povo de Deus reunido de todos os povos.

O que tem a minha fé a ver com a Igreja?

A fé é aquilo que uma pessoa tem de mais pessoal, mas não é um assunto privado. Quem deseja crer tem de poder dizer tanto “eu” como “nós”, pois uma fé que não possa ser partilhada e comunicada seria irracional. Cada crente dá o seu consentimento ao Credo da Igreja. Dela recebeu a fé. Foi ela que, ao longo dos séculos, lhe transmitiu a fé, a guardou de adulterações e a clarificou constantemente. Crer é, portanto, tomar parte numa convicção comum. A fé dos outros transporta-me, como também o fogo da minha fé incendeia os outros e os fortalece (Youcath, p. 24).

**Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus,
e Pai de todos, o qual é sobre todos e por todos e em todos.
Efésios 4:5-6.**

